



ESTRATÉGIAS NA ALFABETIZAÇÃO: UMA PROPOSTA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19, NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA JOANA VIEIRA, LOCALIZADA NA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE MANAUS-AM/BRASIL, NO PERÍODO DE 2020-2021¹



<https://doi.org/10.56238/levv15n43-108>

Data de submissão: 23/11/2024

Data de publicação: 23/12/2024

Ariana Silva de Souza

Professora Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci no ano de 2014

Especialista em: Administração Escolar, Supervisão e Orientação no ano de: 2021

UNIASSELVI

Mestra em Ciência da Educação pela Universidad de La Integración de Las Américas – UNIDA/PY no ano de 2022, Doutoranda em Ciência da Educação pela Universidad De La Integración De Las Américas – UNIDA/PY

RESUMO

As estratégias na alfabetização durante a pandemia, foi o tema escolhido para esta investigação, que teve como problema de pesquisa identificar artigos que se trata sobre a temática. O objetivo desta pesquisa foi: Analisar as intervenções pedagógicas para alfabetizar alunos da Escola Municipal Professora Joana Vieira, localizada na zona rural do município de Manaus-AM/Brasil, no período de 2020-2021, durante a pandemia da Córdid-19. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, com análise documental. O procedimento delineou-se como um estudo de revisão bibliográfica, com levantamentos de artigos científicos, utilizando como embasamentos pesquisas de autores como: (SCHWENDLER, 2005), (MUNARIM, 2011), (MOSTEFAL e FAGUNDES, 2013), (BRASIL, 2010) e (NASCIMENTO, 2009). Utilizou-se metodologia de rastreamento nas literaturas que embasam este tema, em seguida tabulações, considerando os objetivos, os procedimentos e as análises apontam que, no período foco desta pesquisa, foram realizadas mais pesquisas de campo, e do tipo documental, com o intuito de apresentar as singularidades das diferentes formas de gerir ensino plausível em época pandêmica nas escolas, as experiências e as análises de discursos direcionam para o sistema híbrido, o que foi mais enfatizado. De modo geral, as pesquisas mostram que a escola ainda tem um longo percurso a ser percorrido pois as aulas remotas não apresentaram resultados satisfatório no ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização, Estratégias de Alfabetização, Novas metodologias, Educação na pandemia.

¹ Artigo extraído, da dissertação de Mestrado apresentado a Facultad de Postgrado Maestría en Ciencias de la Educación em la Universidad de la Integración de las Américas – UNIDA, Localizada na Ciudad del Este - Paraguai, para obtenção do título de Mestra em Ciência da Educação no ano de 2022.

1 INTRODUÇÃO

Em 31 dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Desde então, os casos começaram a se espalhar rapidamente pelo mundo: Tendo o primeiro caso confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020. Que se alastrou de maneira muito intensa deixando muitas vítimas fatais. As escolas brasileiras foram paralisadas prejudicando de forma imensurável o ensino.

No Brasil, a doença criou uma grande crise no poder público, principalmente no que oferece serviços como saúde e educação, e fez com que o país precisasse de medidas emergenciais para conter os problemas. Devido ao alto potencial de transmissão, medidas de distanciamento social foram implementadas nas quais escolas e outros estabelecimentos foram obrigados a se reinventar. Situação Problema: Diante de todas as catástrofes geradas pela pandemia do Novo Coronavírus, a área educacional tem sofrido grandes consequências: paralisação do ensino presencial em todas as escolas, públicas e privadas. Pois, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no dia 18 de março de 2020, confirmaram que 85 países fecharam completamente as atividades presenciais a fim de reduzir o contato com o novo coronavírus, atingindo cerca de 776,7 milhões de jovens e crianças estudantes. Por isso, optou-se pelo ensino remoto emergencial (MOREIRA e SCHLEMMER, 2020).

O presente estudo surgiu a partir da experiência profissional da investigadora na referida escola, em que foi verificada a necessidade de ações que possibilitassem aos professores, reflexões para a prática do ensino da leitura e da escrita, no cenário de pandemia, de modo que favorecesse aos alunos, e permitisse que eles progredissem em seus estudos de maneira proficiente, já que foi constatada a grande dificuldade dos alunos continuarem a estudar, diante da paralisação do ensino presencial em todas as escolas.

Uma das opções para um ensino mais ativo e produtivo é a inclusão de metodologias ativas no ensino remoto, sobretudo para incitar a motivação e autonomia dos alunos, que podem sentir-se desanimados e sem suporte com a distância, neste momento, existente entre os estudantes e os seus educadores. Desta maneira, esta pesquisa demonstra sua relevância não apenas ao colaborar com o conhecimento teórico relacionado ao tema de adoção de novas estratégias pedagógicas de ensino remoto, como ainda por agrupar relatos da percepção dos responsáveis dos alunos, na transição do ensino presencial para o remoto, apresentando seus pontos de vista e opiniões.

Alfabetizar por meio do ensino remoto foi uma solução encontrada para que as crianças não sentissem tanto a falta das prazerosas aulas presenciais, nas escolas. Os (as) professores (as) têm tentado assistir às crianças como podem, entretanto, necessitam para a realização desse trabalho, da

ajuda imprescindível da família ou dos responsáveis por esses alunos (as). É com a ajuda das famílias que os (as) professores (as) vêm conseguindo alfabetizar as crianças de forma parcialmente satisfatória.

Com essa nova forma de ensinar faz com que o aluno e o professor tenham que se ajustar para que seja o mais proveitoso possível o ensino remoto, para assim não haja prejuízos educacionais já que o ensino que se faz, geralmente, mais complexo por se tratar da questão da alfabetização e que exige manejo adequado para que seja eficiente e duradouro. Por isso, optou-se como: Objetivo principal consistiu em analisar as intervenções pedagógicas para alfabetizar alunos da Escola Municipal Professora Joana Vieira, localizada na zona rural do município de Manaus-AM/Brasil, no período de 2020-2021, durante a pandemia da Córdid-19. E como o objetivo específico foi focado em descrever de que forma ocorreu a alfabetização de alunos da educação no campo da Escola Municipal Professora Joana Vieira.

Sua relevância social está em mostrar a necessidade de pensar novas estratégias de ensino para se possa desenvolver as funções da educação e reduzir maiores perdas quanto à aprendizagem de crianças diante da nova realidade imposta. A referida escola localiza-se na Comunidade Bandeirante, Ramal gua Branca I, que tem como principal atividade econmica o cultivo de frutas e hortaliças. A principal via de acesso do Ramal e as vicinais não são asfaltadas, tornando o trânsito de automóveis e demais meios de transportes complicado tornando assim o desenvolvimento da educação mais desafiadora. O percurso metodológico para chegar aos resultados foram embasados nos estudos de Marcone e Lakatos 2010.

2 O PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS

No Brasil, desde o final do século XIX, principalmente com a implantação da República, a educação tem chamado a atenção como uma das utopias modernas. Por sua vez, a escola consolidou-se como um lugar institucionalizado necessário para o cultivo de uma nova geração, com vistas à concretização dos ideais da República sob a orientação da necessidade de instauração de uma nova ordem política e social; a popularização das escolas é uma ferramenta para a modernização e o progresso do Estado-nação. O principal motor do "esclarecimento do analfabetismo" desempenhou um papel importante.

Sob esses ideais republicanos, a alfabetização tornou-se um instrumento privilegiado de aprendizagem/iluminação e um imperativo para a modernização e o desenvolvimento social. A leitura e a escrita, que até agora eram práticas culturais, onde a aprendizagem se limitava a poucos, se davam pelo ensino assistemático do básico na esfera privada de casa ou de forma menos informal, mas ainda precária em algumas "escolas." Os impérios ("aulas reais") tornaram-se a base das escolas obrigatórias, seculares e gratuitas e uma mteria para o ensino e aprendizagem escolar. Assim, a prática da leitura e

da escrita, definida como tecnicamente possível de aprender, passou a ter um ensino estruturado, sistemático e direcionado, exigindo a preparação de profissionais especializados.

Deste ponto de vista, os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita nas fases iniciais da educação escolar infantil apresentam-se como um momento de transição para um novo mundo - para o Estado e para o cidadão -: o mundo público dá a cultura escrita, que estabelece novas formas de relações entre os sujeitos, a natureza, a história e o próprio Estado; um novo mundo que finalmente apresenta novas formas e conteúdo para pensar, sentir, desejar e agir. No entanto, especialmente nas últimas duas décadas, as evidências que originalmente sustentavam essa ligação entre escola e alfabetização têm sido questionadas devido à dificuldade de cumprir as promessas e ao impacto pretendido da escola sobre os cidadãos. Explicado como um problema ora decorrente do método de ensino, ora do aluno, ora do professor, ora da rede escolar, ora da condição social, ora de políticas públicas, da repetição dessas dificuldades para a escola, sua tarefa histórica fundamental, entretanto, não é exclusivo de nosso tempo.

Decorridos mais de cem anos desde a implantação, em nosso país, do modelo republicano de escola, podemos observar que, desde essa época, o que hoje denominamos “fracasso escolar na alfabetização” se vem impondo como problema estratégico a demandar soluções urgentes e vem mobilizando administradores públicos, legisladores do ensino, intelectuais de diferentes áreas de conhecimento, educadores e professores. A partir dessa época, observam-se repetidos esforços de mudança, diante da necessidade de superação daquilo que, em cada momento histórico, considerava-se tradicional nesse ensino e fator responsável pelo seu fracasso.

Por quase um século, esses esforços se concentraram, sistemática e oficialmente, na questão dos métodos de ensino da leitura e escrita, e muitas foram as disputas entre os que se consideravam portadores de um novo e revolucionário método de alfabetização e aqueles que continuavam a defender os métodos considerados antigos e tradicionais. A partir das duas últimas décadas, a questão dos métodos passou a ser considerada tradicional, e os antigos e persistentes problemas da alfabetização vêm sendo pensados e praticados predominantemente, no âmbito das políticas públicas, a partir de outros pontos de vista, em especial a compreensão do processo de aprendizagem da criança alfabetizada, de acordo com a psicogênese da língua escrita.

3 O LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO

Como se pode ver, a escolarização básica direcionou-se por muito tempo unicamente para a alfabetização dos alunos, ou seja, seu propósito era o de fazer o aluno se apropriar da escrita em seu sistema alfabético e ortográfico. No entanto, essa formação não permitiu a garantia do uso competente da escrita nas diversas práticas sociais, que entendemos, só pode se constituir em um ensino que seja a partir da perspectiva do letramento. Também se constatou que a precariedade no domínio dificuldade

no aprendizado do “código” linguístico, ou seja, os alunos são alfabetizados, mas não letrados. (SOARES, 2004; ROJO, 2010)

Visualiza-se também que o não entendimento dos conceitos de letramento e alfabetização fez com que houvesse a perda da especificidade do conceito de alfabetização. Isso é o que Soares (2004, p. 8) denomina de um “desinventar” da alfabetização. Essa situação é causada por vários fatores, dentre os quais a implantação do regime de ciclos, a progressão continuada no ciclo de alfabetização e a mudança no paradigma da aquisição da escrita pelo surgimento da perspectiva construtivista. (SOARES, 2004)

Também pode-se perceber alguns equívocos no ensino da escrita a partir do letramento. Alguns pensam que só pelo contato com diversos textos correntes dos usos sociais o aluno desenvolverá o conhecimento do sistema da escrita, por si só. Porém, compreende-se que há a ausência, nesse pensamento, de sistematização de um ensino de forma direta do sistema alfabético e ortográfico, uma etapa fundamental e que não pode ser deixada de lado no acesso à língua escrita, pois é essa etapa que permite desenvolver a consciência grafo-fonêmica do aluno. (SOARES, 2004)

A elevação de um conceito em detrimento do outro desfere uma ação contra a dissociabilidade e interdependência dos dois processos. Daí entende-se que há que se considerar a simultaneidade dos processos de alfabetização e de letramento quando do ensino da escrita ao aluno. Um só se desenvolve no contexto do outro, isto é, um dá base para o outro. (SOARES, Idem, p. 14)

É interessante visualizar em uma situação relatada por Albuquerque (2007, p. 19), ao analisar o depoimento de professoras alfabetizadoras que participaram de um curso formação continuada. A autora enfoca em um relato de uma professora que demonstrou que trabalhava com o ensino da leitura e da escrita na perspectiva do letramento em turmas no nível de alfabetização: da escrita nas diversas situações de uso social e letrado, notabilizadas nos sistemas avaliativos nacionais e internacionais, se dá por um fator diferente. E foi por intermédio do entendimento da especificidade do processo de alfabetização que ela pôde perceber que era preciso trabalhar “um ensino no nível da palavra, que leve o aluno a perceber que o que a escrita representa (nota no papel) é sua pauta sonora, e não o seu significado, e que o faz através da relação fonema/grafema” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 20)

Por isso, salienta-se que a dissociabilidade não exclui a especificidade de cada processo, que apresentam formas de ensino e de aprendizagens diferentes. Faz-se necessário distingui-los, mas não os tomar como independentes. A professora executava ações de letramento, que são importantes, mas não enfocou o processo de alfabetização, que não pode ser deixado de lado. Nessa perspectiva, supõe-se que o ensino da escrita nas séries iniciais se dê pelos processos simultâneos da alfabetização e do letramento, isto é, alfabetizar e letrar concomitantemente (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 98), a fim de se vencer o fracasso escolar, a partir de um ensino que desenvolva a aprendizagem para o consequente domínio efetivo dos usos sociais da escrita.

Mas para isso, é preciso entender que as práticas de letramento comumente ensinadas na escola não são as mesmas exigidas no contexto extraescolar.

As práticas de leitura e produção de textos desenvolvidas na escola, relacionadas a um “letramento escolar”, não se adequaria, conforme certas expectativas, ao desenvolvimento socioeconômico-cultural de nossa sociedade, em que os indivíduos convivem em contextos em que a escrita se faz presente de forma mais complexa (ALBUQUERQUE, 2007, p. 18).

Isso acontece muitas vezes pelo fato de se tomar a leitura e escrita de gêneros textuais que circulam somente na esfera escolar. Outro fator que pode impedir o trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento, e este entendido como prática social, ou seja, alfabetizar letrando, é o uso de textos extraescolares no ambiente escolar.

Segundo Santos e Albuquerque (2007), alguns professores na tentativa de alfabetizar letrando cometem o equívoco de colocarem diferentes gêneros textuais que circulam em sociedade no ambiente escolar, com o pensamento de que esses textos mantenham as mesmas funcionalidades que apresentam em ambiente extraescolar. O equívoco é o de esquecer que a escola “didatiza” os conteúdos para que se adequem ao seu modelo sistematizado. Outro equívoco é o de usar os textos para se trabalhar padrões silábicos, esvaziando-se uma abordagem na perspectiva do letramento. Há também o fato de superestimar as atividades de letramento, pensando que elas podem ajudar por si só o aluno se apropriar do sistema alfabético.

A escola em seu ensino tradicional ao tomar os conteúdos como eixos estruturantes para o planejamento das ações educativas transforma o ensino de tópicos como, por exemplo, os dos gêneros textuais, em situações de aprendizagem que se esvaziam nas partes constituintes do gênero (estrutura, linguagem, tema), e não no domínio para as situações sociais que demandam o seu uso. (KLEIMAN, 2007).

Ainda segundo Kleiman (idem), o ensino da escrita tradicional na escola enfoca uma competência linguística individual e gradual, da codificação até a fluência na leitura e na produção escrita. Já o ensino da escrita na perspectiva do letramento (entendido como letramento social/ideológico) concebe o uso da leitura e da escrita como prática social, discursiva, apresentada em diversas funcionalidades e sem se desvincular do contexto na qual são produzidas e lhes dá a devida significância.

Rojo (2006) apresenta em um artigo a análise da prática de sala de aula de uma professora do 1º ano do ensino fundamental. A professora procurava trabalhar a alfabetização na perspectiva do letramento, utilizando gêneros como receita e rótulo de embalagens. Mas pela análise feita, a professora reduziu o trabalho com os gêneros a servir de pretexto para trabalhar algumas abordagens do sistema da escrita (letras, fonemas, sílabas), ou seja, com aspectos do processo de alfabetização.

Para Rojo (2006), a professora manteve a preocupação vigente de tentar aliar a sua prática de alfabetização na perspectiva do letramento, mas deixou evidenciar como a força do conteúdo

programático e da própria tradição escolar a levou para uma nova prática com “sedimentos”, isto é, resquícios de velhas e tradicionais práticas em uma abordagem tida como nova. Compreendemos que essas abordagens dificultam ainda mais o aprendizado do sistema alfabético, pois as regularidades ensinadas evidenciam uma falta de especificação de um método de alfabetizar, além do que, o uso social da escrita é relegado, usado somente para fazer o estudo dos aspectos linguísticos, distanciando-se do verdadeiro sentido que subjaz à noção de letramento.

Kleiman (2007) ao apresentar a sugestão na qual se possam utilizar gêneros textuais que façam parte do cotidiano, que são de fácil apreensão por apresentarem linguagem mais acessível e terem uma funcionalidade prática no contexto diário, direciona para uma mudança de paradigma e no próprio planejamento do professor, uma vez que o seu foco não será mais conteúdo, mas a prática social do uso da escrita.

Para a formação do professor, Kleiman afirma que essa perspectiva dos usos sociais da escrita permite o professor ter autonomia no seu planejamento e na seleção de seus materiais. O docente passa a ter um papel mais decisivo sobre como se dará o andamento do processo de ensino-aprendizagem, observando, analisando e diagnosticando as situações educativas. Isso se dá na autonomia para escolher gêneros textuais que realmente venham a fazer diferença na formação do aluno, que lhe propiciará uma real serventia. Dessa forma, há um desafio apresentado ao ensino básico: letrar e alfabetizar ao mesmo tempo, isto é, como nos direciona Costa Val (2006, p.19) “não se trata de escolher entre alfabetizar ou letrar, trata-se de alfabetizar letrando”.

Com isso, entende-se que os textos devem ser usados nas aulas intermediados pelo professor no processo de leitura e escrita, atentando-se para as finalidades do texto, bem como para a notação gráfica e para a entonação fonêmica das palavras. Deve-se mostrar aos alunos que os textos circulam na sociedade com uma finalidade, com um objetivo comunicativo-interacional e que a base para o entendimento dos textos passa pela apreensão do sistema ortográfico, em sua grafia e pronúncia.

Para isso, compreendemos que é importante a perspectiva do processo de alfabetização como um evento de letramento, que apresenta métodos específicos de ensino, que pode ser visualizada quando as crianças aprendem a ler e a escrever o código escrito, ou seja, dominar as regras ortográficas e o sistema alfabético, sendo consideradas como alfabetizadas. Por outro lado, também se entende que quando essas mesmas crianças conseguem entender que a escrita é fundamental para as relações sociais e passam a dominar a produção dos mais diferentes textos e a ler cada vez mais proficientemente, nas diferentes esferas de domínios discursivos, passam a ser consideradas como letradas.

Acredita-se que somente uma prática de alfabetizar letrando possibilita ter o reconhecimento de um letramento social, que usa gêneros textuais que realmente circulam em sociedade, e não só na escola, e que se entende a aprendizagem da notação alfabética e ortográfica como imprescindível para que os níveis de letramento possam ser aprofundados. (BRASIL, 2001, p. 35). Alfabetização é



essencial, no entanto, as famílias não tem preparo para ter o suporte aos estudantes. Muitos estudantes não tem o acompanhamento dos profissionais da educação e o seu estudo ocorre em lugares inadequados, sendo improvisados.

4 O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E OS DOCENTES

Devido à ameaça do COVID-19 as Instituições de Ensino são postas diante da necessidade de continuar com atividades de ensino, mantendo professores e alunos a salvo diante de uma emergência de saúde pública. Mudar para um modelo de instrução online facilita a flexibilidade para ensinar e aprender em qualquer lugar, a qualquer hora, mas a velocidade surpreendente com que essa mudança para o ensino online está ocorrendo é sem precedentes. Embora geralmente existam equipes de apoio para ajudar os docentes a aprender e implementar o ensino online, elas normalmente apoiam apenas um grupo de professores que anteriormente lecionaram nesta modalidade, em especial nos cursos EAD. Na situação atual, com tão pouco tempo de preparação, essas equipes não poderão oferecer o nível habitual de apoio a todos os professores.

Ao contrário de experiências educacionais totalmente projetadas e planejadas para serem online, o Ensino Remoto Emergencial responde a uma mudança repentina de modelos instrucionais para alternativas em uma situação de crise. Nessas circunstâncias, faz-se uso de soluções de ensino totalmente remotas que, de outra forma, seria ministrado presencialmente ou como cursos híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído. O Ensino Remoto Emergencial exige que os professores assumam mais controle sobre o planejamento do curso, seu processo de desenvolvimento e implementação. A necessidade de desenvolver cursos de aprendizagem online em um período muito curto de tempo força os professores a encontrar novas maneiras de continuar ensinando e desenvolvam habilidades e competências para criar ambientes de aprendizagem digital.

No Brasil, as soluções adotadas variaram de acordo com as condições de cada estado ou município. Não podemos ignorar que, em alguns casos, o que foi feito não pode ser chamado de ensino. Um exemplo foi a entrega de material impresso nas casas dos alunos, como aconteceu em alguns municípios. Apesar de louvável, isso não poderia ser chamado de ensino, pois não houve nenhum tipo de interação entre alunos e professores e nem processos de avaliação. Se se transfere para a família a responsabilidade de trabalhar o conteúdo com seus filhos e, ainda, se os responsáveis por esses alunos aceitam esse desafio, o que temos na verdade é educação domiciliar ou home schooling, e não EaD ou ERE. Apesar de muitas secretarias de educação, com maior ou menor agilidade, terem providenciado material na internet, aulas gravadas e transmissão por TV, inúmeros estudantes ficaram totalmente isolados e desvinculados das escolas em todo o país.

Durante a pandemia da Covid-19, muitos foram os obstáculos enfrentados, mas o previsível era que o sistema se auto organizaria frente ao necessário distanciamento social e fechamento das escolas. Nesse processo, alguns professores estão se comportando no ensino on-line de forma muito semelhante ao que faziam em sala de aula: ministrando aulas expositivas, se apoiando em slides, propondo discussões e solicitando textos escritos e aplicando provas. Outros estão aprendendo a fazer vídeos, se valendo da grande quantidade de ferramentas digitais e perdendo o medo de usar a tecnologia. Há, ainda, quem crie grupos no WhatsApp e salas no Facebook. As crises são momentos de mudanças intensas, e seria impossível descrever as práticas educacionais que emergiram. Mas é possível prever que nossas práticas educacionais nunca serão as mesmas novamente. É possível afirmar que a internet se tornou uma necessidade pública e que o acesso precisa ser dado a todos.

5 O USO DE TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

No ambiente digital, há vários tipos de revoluções e mutações que ocorrem ao mesmo tempo na ordem técnica, cultural, nos modos de produção e nas formas de ler e escrever; e isso pode repercutir na das tecnologias digitais na alfabetização, hoje, é fundamental. Esse uso é defendido tanto por aqueles que tomam a tecnologia digital em sua deve acompanhar os usos sociais da escrita, em qualquer tempo e, na contemporaneidade, o amplo uso das Tecnologias Digitais repercute no trabalho com a alfabetização, (FERREIRO, 2013).

As práticas de leitura e escrita nas telas digitais têm sido objeto de vários estudos no mundo contemporâneo. Roger Chartier (2002), por exemplo, um historiador do livro e da leitura, alerta que o que estamos vivenciando com as novas tecnologias.³ é ao mesmo tempo uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita. (CHARTIER, 2002, p. 24).

No contexto dessa revolução que podemos chamar de cultura digital, alguns conceitos e expressões que já fazem parte de qualquer tipo de interação com e pela linguagem tornaram-se mais destacados, como multimodalidade, interatividade, suportes de escrita e há alguns que são mais próprios da linguagem digital, como usabilidade e alfabetização digital, entre outros. Esses conceitos e expressões evidenciam a necessidade de dar visibilidade a tipos de conhecimento e habilidades demandados hoje pelo uso das tecnologias digitais. Para um iniciante nas tecnologias, é necessário internalizar operações e incorporar novos gestos próprios das tecnologias digitais, o que podemos chamar de alfabetização digital.

A introdução maciça da informática em todos os níveis da sociedade, sem dúvida, abriu espaço para um novo modo de viver e pensar a educação. Os alunos relacionam-se e gostam mais das tecnologias do que as gerações anteriores à sua. Constituem uma geração que nasceu e está crescendo cercada pela tecnologia, vendo-a como inerente ao seu mundo, com a mesma simplicidade que os

adultos veem TV. Assim, Teberoski nos diz que: “Com a difusão do uso da informática, entramos em uma nova etapa cultural: a era digital. Essa realidade não passa despercebida às crianças.” (TEBEROSKY, 2003, p. 31).

A nova geração que aprendeu a lidar com novas tecnologias, segundo Veen e Vrakking (2009), cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância: o controle remoto da televisão, o mouse do computador, as minidiscos, mais recentemente o telefone celular, o iPod e o aparelho de mp3. Esses recursos proporcionam às crianças de hoje ter controle sobre o fluxo de informações, lidar com informações descontinuadas e com a sobrecarga de informações, mesclar comunidades virtuais e reais, comunicarem-se e colaborarem em rede, de acordo com suas necessidades. (VEEN; VRAKING, 2009, p. 28).

Na atualidade, se pensarmos na prática escolar vigente, veremos uma carência generalizada em relação ao uso de novas tecnologias em atividades didáticas voltadas para a educação. Uma vez que os alunos estão imersos nesses recursos, sua intimidade instantânea com todas as novidades: sua maneira diferente de falar, suas gírias de linguagem e seu ritmo acelerado de vida encaminham-se para um grande distanciamento entre gerações. Conforme Veen e Vrakking (2009).

Buscou-se observar o mundo das crianças que estão crescendo digitalmente e deixar claro o que esse fato significa para a aprendizagem, para as escolas e para os professores. Entender o comportamento das crianças, a relacionar esse comportamento à aprendizagem e a mostrar a oportunidade que os professores e as escolas têm de evoluir de acordo com as habilidades, atitudes e convicções das crianças, no esforço de dar a elas o apoio necessário para a preparação para a vida, a cidadania e o trabalho do futuro. (VEEN E VRAKING 2009, p. 15).

Os alunos vêm com uma bagagem muito grande em relação ao conhecimento sobre o uso do computador, conhecimento este que é muito superior, em muitos casos, aos do próprio professor. O conhecimento não é mais estático, ele é volátil, está em vários lugares e é de fácil acesso, diferentemente do quadro verde e giz, que muitas vezes ainda são os únicos a serem utilizados. Hoje, com o advento do computador, a escola precisa se esforçar muito para competir com o mundo colorido, sonoro, divertido e variado que ele oferece às crianças e aos jovens. Ao mesmo tempo, a invasão da educação pela tecnologia obriga a repensar muitas das crenças sobre o interesse dos alunos.

As tecnologias estão incorporadas na vida das pessoas e a escola não pode ficar de fora, faz-se necessário rever o currículo e mudar a postura dos docentes para se transformar em uma escola com atrativos onde, também pelo uso da informática, se possa conquistar uma educação de qualidade. A escola está diante de um novo desafio: precisa disponibilizar meios para inserir os alunos nessa evolução tecnológica e prepará-los acompanhar essa evolução tecnológica e seu impacto na aprendizagem da leitura e da escrita. Isso será possível se o professor dominar a técnica para que tenha condições de incentivar e diversificar a dimensão educacional das máquinas.

O uso do computador passa a configurar novas maneiras para o aluno utilizar e ampliar suas possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captar e interagir com o mundo. O uso pedagógico do computador não é tarefa fácil. Saber fazer uso de um editor de textos, elaborar uma apresentação, acessar a internet, ou enviar e-mails são competências rapidamente adquiridas. Mas usar pedagogicamente este recurso redimensiona a metodologia de ensino, o que torna a tarefa bem mais complexa, pois viabiliza a formação de um currículo emergente, que não é só sinônimo de improvisação e falta de planejamento, mas a linha de um currículo que vai se adaptando progressivamente aos interesses e às necessidades dos alunos, constituindo um ambiente aberto e positivo de aprendizagem coletiva.

É preciso, portanto, humanizar as tecnologias, pois elas são meios valiosos, caminhos para facilitar o processo de aprendizagem. É relevante também compreender que o uso das tecnologias revela concepções, valores e viabiliza a comunicação afetiva, na flexibilização de espaço e tempo de ensino e de aprendizagem. Nesse sentido, as tecnologias não se caracterizam apenas como um recurso ou suporte, isto significa que a tecnologia faz parte do currículo, ainda que o objeto de estudo não seja a própria tecnologia.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

A investigação ocorreu em 2020-2021, na Escola Municipal Professora Joana Vieira, fundada em 27 de junho de 1997, localizada na Comunidade Bandeirante, Ramal Água Branca 1, na AM 010, Km 32, zona rural de Manaus, que possui como principal atividade econômica o cultivo de frutas e hortaliças. Esse estabelecimento de ensino atua apenas com a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Consegue atender aproximadamente 31 alunos na pré-escola e 81 alunos das séries iniciais, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. A escola conta com seis salas de aula, diretoria, secretaria, laboratório de informática, cozinha, depósito e refeitório.

A investigação ocorreu em 2020-2021, na Escola Municipal Professora Joana Vieira, fundada em 27 de junho de 1997, localizada na Comunidade Bandeirante, Ramal Água Branca 1, na AM 010, Km 32, zona rural de Manaus, que possui como principal atividade econômica o cultivo de frutas e hortaliças. Nesta investigação optou-se por uma pesquisa descritiva bibliográfica onde buscou compreender o levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, periódicos (revistas), teses, anais de congressos, indexados em bases de dados em formato on-line.

O enfoque, trata-se de uma abordagem, qualitativa e quantitativa, adotando como procedimento técnico pesquisa documental e levantamento operacionalizado através de análises. Deste modo, através da classificação das fontes possibilita a realização de um julgamento qualitativo complementado por “estudo estatístico comparado” (FONSECA, 1986).

Lakatos e Marconi (2010) afirma que a população é o conjunto de pessoas que tem pelo menos uma característica em comum. Desta forma, determinou-se que a referida pesquisa terá como população 02 educadores da referida escola e 15 pais, que são pais e responsáveis por alunos matriculados no ano de 2021, correspondentes as turmas do 1º, 2º e 3º ano, do ensino fundamental I da Escola Municipal Professora Joana Vieira.

Em um primeiro momento, a coleta de dados qualitativos foi por meio de um levantamento bibliográfico, que segundo Lakatos e Marconi (2010) serve para aproximar o investigador a situação-problema, abrangendo uma busca realizada a partir de material já elaborado, sobretudo livros e artigos científicos.

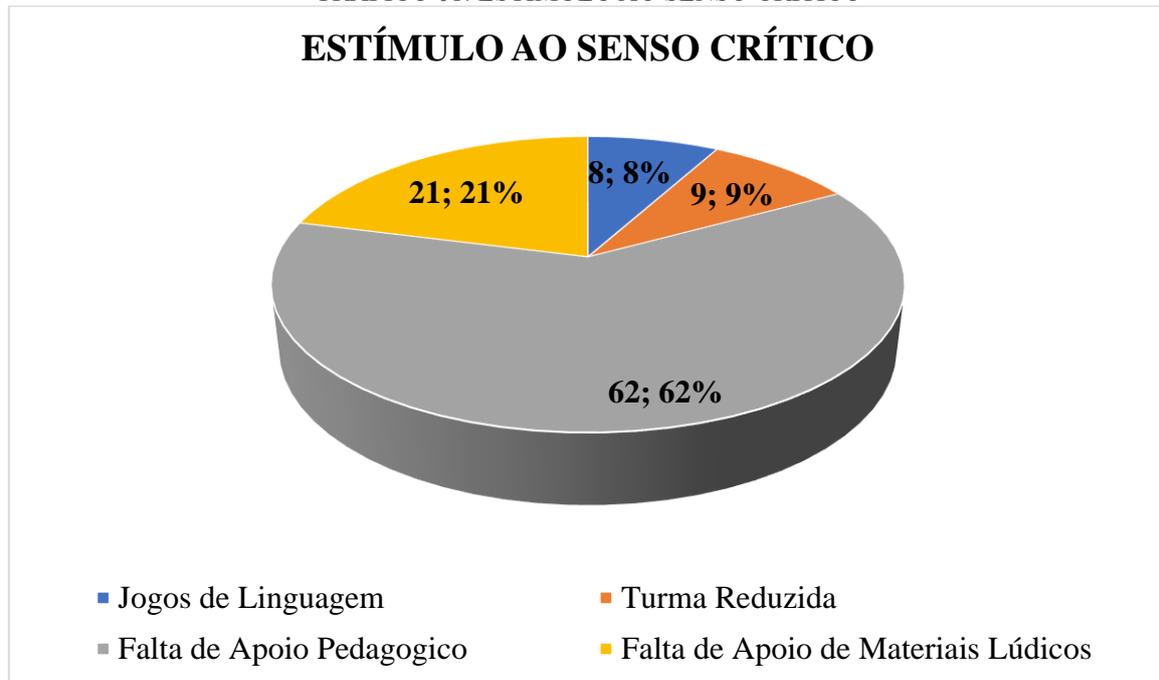
O instrumento de coleta para dos dados quantitativos foi o questionário, elaborado com perguntas relativas ao tema. Esses dados da investigação mista auxiliarão para entender as intervenções pedagógicas desenvolvidas para alfabetizar alunos da referida escola, durante a pandemia da Córdid-19, e seus principais desafios.

7 ANÁLISE DOS RESULTADO E DISCURSÕES

Os processos da alfabetização se dão quando se passa a compreender os elementos importantes que se reflete diretamente na aprendizagem das crianças. É a partir da prática pedagógica que elas apoiarão suas aprendizagens e é também, por meio dela que os aprendizes são inseridos na cultura escrita que os rodeia. Ensinar é compartilhar e (re) significar conhecimento, assim, a atuação do professor alfabetizador deixa de ser meramente metodológica, assumindo uma função política e pedagógica crítica e consciente.

O domínio ensina a criança a fazer escolhas comprometidas com padrões éticos. Para isso, é necessário conhecer normas sociais e avaliar as consequências das ações individuais. É através desse conhecimento que o aluno desenvolve o senso crítico para ler o mundo ao seu redor. A formação de um senso crítico na criança é essencial para que ela se torne, futuramente, uma pessoa de pensamentos e posicionamentos firmes e convictos, estabelecidos pelo que foi ensinado. Conforme observado nas entrevistas referentes ao processo de alfabetização da escola foco desta os resultados estão exemplificados no gráfico abaixo as formas de se trabalhar o senso crítico do aluno.

GRÁFICO 01: ESTÍMULO AO SENSO CRÍTICO



Fonte: A pesquisadora (2021)

Entre alguns fatores que podem contribuir para o fracasso escolar, destaca-se quatro: A Falta de apoio pedagógico, a escassez de jogos lúdicos para o ensino aprendizagem, a ineficiência de turma a serem reduzidas, a inexistência de jogos de linguagens. Ficou comprovado que os alunos não conseguem aprender uma vez que a escola não realiza práticas pedagógicas que desenvolvam as estruturas cognitivas para a leitura e a escrita; a incompreensão da leitura e da escrita de forma interdisciplinar na formação do professor, e também as condições de vida das famílias dessas crianças, influenciam na aprendizagem desses alunos.

Ou seja, a escola é responsável pelo fracasso de seus alunos, exigindo que todos, ao mesmo tempo, aprendam os mesmos conteúdos, sem levar em consideração o ritmo e características de cada um. Alfabetizar transforma o indivíduo de diversas maneiras, pois vai fazer com que ele entenda melhor sobre o aspecto social e cultural. Uma pessoa alfabetizada garante o melhor exercício da cidadania, já que vai entender e saber sobre os seus direitos e deveres. As ações de contingência, adotadas em diferentes velocidades – com entes federados ainda retomando aulas neste momento, após períodos de recesso ou férias, tentam garantir o mínimo de continuidade de atividades escolares, preservando o possível no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes em todo o país.

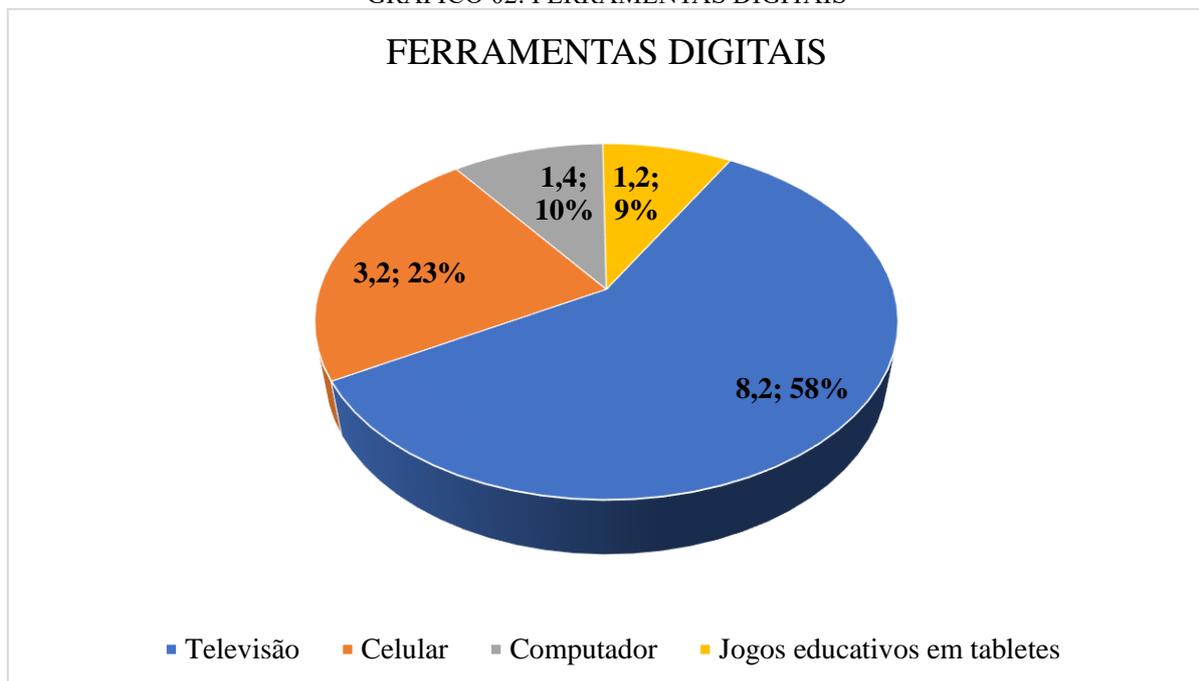
Adaptar o conteúdo de forma a atender ao formato de aulas remotas não foi uma tarefa fácil, pois os professores não tiveram tempo de se ter uma capacitação para tal momento novo que se estava vivenciando. Os professores passaram a se organizar e planejar as aulas de forma intuitiva e proativa. Em princípio, todas as ações foram improvisadas a fim de atender a uma necessidade por um curto período.

Afinal, os professores, assim como a população mundial, não tinham noção por quanto tempo seria a quarentena. Ainda com dificuldade para conduzir o processo de educação num formato que não se sabia por quanto tempo ficaria em vigor. A escola foco desta pesquisa tentou se nortear pelo apostilado, material digitalizado pelos próprios professores que enviavam aos alunos pelo WhatsApp e quem não tinha se programava para pegar na escola.

Acredita-se que o isolamento social e o ensino remotos e alguns on-line causou diversos impactos no desenvolvimento físico e emocional dos alunos, como alfabetizar de forma online, o que desencadeou a pergunta abaixo exemplificada. As aulas remotas realizadas no contexto do coronavírus são atividades de ensino mediadas pela tecnologia, mas que se orientam pelos princípios da educação presencial. Aulas remotas oferecem a continuidade da escolarização por meio de recursos tecnológicos, só que a distância.

Se perguntou aos pais dos alunos sobre as ferramentas digitais que possuíam em suas casas, afim de detectar os verdadeiros impactos nas aulas remotas no período pandêmico do covid-19 de ensino aprendizagem na alfabetização dos alunos da Escola Municipal Professora Joana Vieira, as respostas dos pais estão explicita de no gráfico abaixo:

GRÁFICO 02: FERRAMENTAS DIGITAIS



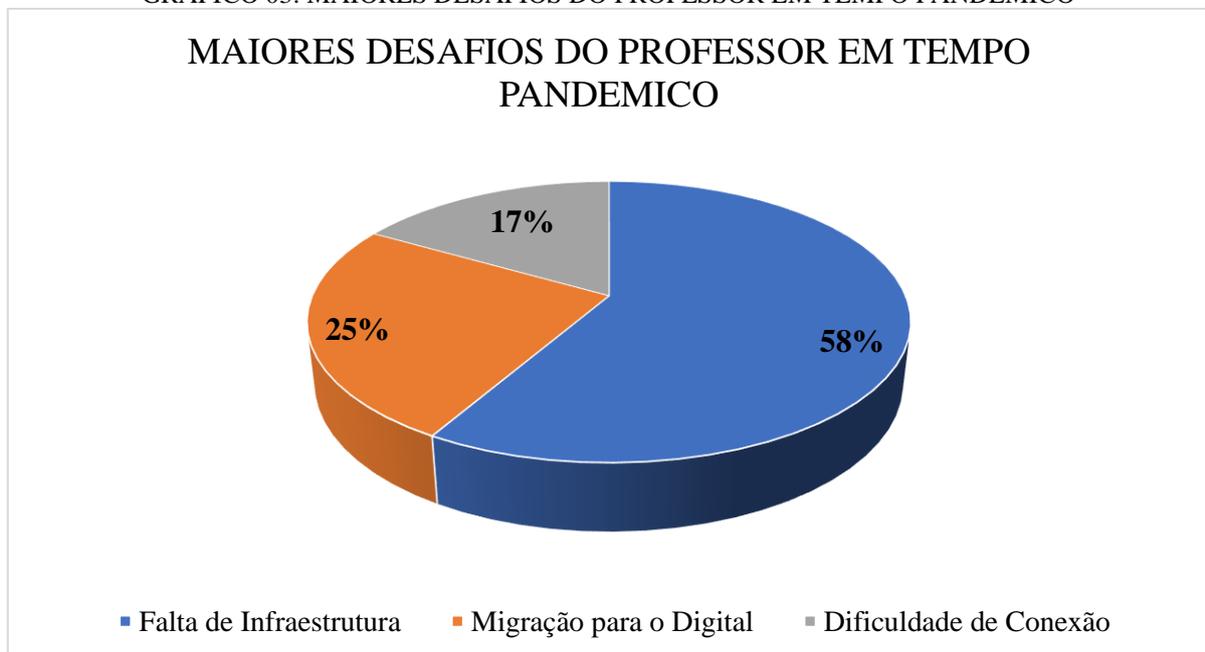
Fonte: A Pesquisadora (2021)

Ficou comprovado que o uso de aparelhos tecnológicos que venham viabilizar agregação de valores aos alunos, ainda é um gargalo para muitos, pois embora a maioria possui aparelho de televisão em suas residências, ela (a Televisão) não traz tanta rentabilidade quando ao aparelho celular ou um tablete. O que prejudicou de forma imensurável o aprendizado, pois as famílias não estarem sensibilizadas ao uso da tecnologia. A tecnologia continua sendo uma grande aliada tanto as famílias

quando aos professores em sala de aula e também no laboratório de informática. Os jogos tecnológicos possuem algumas características comuns. Representam uma atividade lúdica; respeito às regras do jogo, e são um objeto para se jogar. O mesmo ocorre nos jogos eletrônicos/digitais (Mendes, 2006).

A alfabetização é muito importante, mas ela necessita de auxílios para que torne esse processo cada vez mais prazeroso e com resultados melhores. Para Ferreira (2012, p. 27), “[...] vive-se e trabalhando em um mundo visualmente complexo, portanto, deve-se ser complexo na hora de utilizar todas as formas de comunicação, não apenas a palavra escrita”. A tecnologia é uma ferramenta de auxílio que pode ser explorada de forma muito positiva pelo professor alfabetizador. É através dela que a criança conseguirá juntar a imagem, a imaginação, o prazer, o raciocínio, a escrita e a leitura. Se perguntou dos professores quais foram para eles os maiores desafios com as aulas remotas, as respostas encontram-se explícitas no gráfico.

GRÁFICO 03: MAIORES DESAFIOS DO PROFESSOR EM TEMPO PANDEMICO



Fonte: A Pesquisadora (2021)

Ficou comprovado que a falta de Infraestrutura para os professores foi um marco quase geral pois a escola foco desta pesquisa não estava preparada com tecnologias para atender tal demanda bem como os professores não se encontravam capacidades para o uso da tecnologia de forma aberta com o uso digital. O acesso à tecnologia está entre os principais desafios dos professores na pandemia. Outro desafio que surgiu logo no início da suspensão das aulas presenciais foi a falta de infraestrutura necessária para o EAD, especialmente em escolas públicas.

Os educadores, acostumados ao modelo de ensino tradicional, encontraram dificuldades para lidar com as novas tecnologias, equipamentos de filmagem e formatos diferentes. A dificuldade de conexão à internet e as diferentes realidades de cada aluno precisam ser levadas em consideração, mas

essa distância também prejudica o trabalho dos educadores e interfere na qualidade do aprendizado, com a suspensão das aulas presenciais, a tecnologia assumiu um papel ainda mais importante no dia a dia dos professores e, com a implementação do ensino híbrido e o retorno seguro ao espaço físico da escola, novos desafios estão surgindo.

O Parecer CNE 05/2020 estabelece que as atividades pedagógicas não presenciais podem acontecer por meios digitais (videoaulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, e-mail, blogs etc.); via programas de TV ou rádio; pela distribuição de material didático físico aos alunos para o momento de isolamento; e pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, exercícios e outras atividades. O que se constatou de forma parcial, o que se entende que realmente todos foram pegos de surpresa e que o ensino não encontrava-se preparado para tal modalidade, com isso as eventuais propostas foram lançadas de forma alienatória, pegando assim os educadores alunos e pais sem um preparo adequado o que fez com que se tornasse um grande desafios alfabetizar em tempo pandêmico.

O professor pode oferecer diversas atividades com o uso do computador, sendo atividades individuais ou em grupos, estimulando a aprendizagem. Essa aprendizagem acontece a partir de situações significativas à vida das crianças. Para que o computador esteja no ambiente da escola é necessário que o professor esteja qualificado e se aproprie dessa tecnologia para ensinar as crianças a ler e escrever, compreendendo que este recurso é um grande aliado para conduzir suas aulas. É necessário que o professor faça o uso da tecnologia em suas aulas, conhecendo-a para melhor explorá-la com seus alunos e que ela traga benefícios pedagógicos para dentro da sala.

Para que ocorra uma aula cheia de aprendizagens, interação e conquistas na escrita das crianças é necessário que o professor tenha o conhecimento do recurso que é o computador, planeje muito bem suas aulas, faça atividades bem elaboradas e auxilie seus alunos para o uso correto. Se o professor estiver preparado para a utilização das tecnologias digitais em suas aulas para alfabetizar crianças terá uma variedade de possibilidades para torná-las mais prazerosas, atrativas, divertidas e interessantes, produzindo mais aprendizagens e com resultados mais eficazes nas atividades propostas.

Se perguntou aos professores quais metodologias usadas para as práticas de leitura e escrita com o uso das tecnologias digitais como estratégias pedagógicas na escola foco desta pesquisa, as respostas surpreenderam, uma vez que apesar dos docentes relatarem que realizam diversas praticas, os mesmo afirmaram que nenhuma surtiam efeito, pois não era possível chegar nos alunos devido a Pandemia e principalmente os alunos da zona rural não terem acesso ao universo tecnológico, neste sentido, ficou comprovado que as atividades desenvolvidas em sala de aula com ênfase no letramento digital não são plausíveis o que viabiliza o baixo rendimento de estratégias pedagógicas com ênfases nas tecnologias digitais.

Apesar do letramento digital estar inserido na vida do indivíduo antes mesmo da alfabetização, esse é um processo que não ocorre de forma rápida. É uma prática que demanda tempo, se relaciona com a realidade do aluno e precisa ser desenvolvida de forma equilibrada, devendo ser inserida no contexto escolar e acompanhada de perto pelos professores

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar as intervenções pedagógicas para alfabetizar alunos na escola Municipal Professora Joana Vieira. Nos dias atuais alfabetizar e letrar um aluno é uma tarefa desafiadora, onde o professor deve refletir sobre as práticas adotadas para trabalhar no mundo da escrita, oferecendo da melhor maneira a possibilidade da criança ler e registrar com escrita alfabética e compreender, produzindo textos para viver nesta sociedade da informação e da comunicação.

Os resultados finais foram satisfatórios, pois através das propostas apresentadas se fizeram notórios o envolvimento e interesse dos alunos. Também se percebeu avanços no processo de aprendizagem destes alunos, pois os professores começaram a desenvolver novas metodologias no ensino aprendizagem em suas aulas em sala de aula. Os educadores se mostraram entusiasmados em trabalhar com novas tecnologias em sala de aula, mais ficou comprovado que querer trabalhar com tecnologia não garante a aprendizagem e o ensino dos alunos, depende de vários fatores para que isso aconteça. Um dos fatores é o professor estar preparado para trabalhar e utilizar a tecnologia como auxílio para a aprendizagem da criança no processo de alfabetização.

Outro ponto relevante e indispensável é a presença da família nesse processo. A família que cada vez mais atribui unicamente à escola o papel de educar e que por isso se ausenta e perde o direito de cobrar melhorias e de orientar seus filhos nesse percurso, ocasionando baixa frequência escolar, evasão escolar e conseqüentemente uma parcela de pessoas analfabetas funcionais. Ficou comprovado que alfabetizar alunos em meio a uma pandemia não é tarefa fácil, pois as famílias possuem parcialmente aparelhos tecnológicos, e os educadores necessitam de formação continuada para se qualificarem no mundo que cresce freneticamente no mercado globalizado da informação.

Adaptar o conteúdo de forma a atender ao formato de aulas remotas não foi uma tarefa fácil. Os professores passaram a se organizar e planejar as aulas de forma intuitiva e proativa muitos outros estudos devem se somar a esse para que seja possível construir um panorama ainda mais aprofundado da educação dentro da esfera da pandemia. A situação da educação rural no Estado do Amazonas ainda precisa ser melhor conhecida para auxiliar na produção de políticas públicas para o seu desenvolvimento.

Nesta obra constatou-se que a leitura contribui no desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças e está presente em todos os âmbitos de nossa sociedade. Sabe-se que o



desenvolvimento da criança não se dá apenas na escola, mas também é de responsabilidade das famílias incentivar a leitura das crianças.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

_____. MEC/INEP/COMPED, 2000; e Educação e letramento. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

ALBUQUERQUE, E. B. C. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (orgs). Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 11- 21.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FONSECA, Lúcio. Tecnologia na Escola. 2021. Disponível em: <http://www.aescola.com.br/aescola/seções/20tecnologia/2022/04/0002>>. Em Acesso em: 04 jul. 2021.

GEMIGNANI, Elizabeth Yu Me Yut. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. Revista Fronteira das Educação, v. 1, n. 2, p. 1–27, 2012.

KLEIMAN, A. B. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ler e escrever? Linguagem e letramento em foco. CEFIEL/IEL/UNICAMP, Campinas, 2005.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2010.

MOREIRA, J.A., Henriques, S, Barros, D. (2020). Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede em tempos de pandemia. *Dialogia*, 34, 351-364.

ROJO, 2006. Alfabetização e letramento: sedimentação de prática e (des) articulação de objetos de ensino. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 569- 596, jul. /dez. 2006.

SANTOS, C. F.; E DONÇA, M. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte autêntico, 2007, p. 23-3.

_____, C. F Alfabetização escolarização: a instituição do letramento escolar.

SOARES M. Letramento e alfabetização: As muitas facetas. *Revista Brasileira*. Jan / Fev / Mar / abr. 2004, nº25, p.5-17.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. Aprender a Ler e a Escrever: Uma proposta construtivista. Porto Alegre: AVEEN.

UNESCO. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19. Paris: Unesco, 16 abr. 2020.

VEEN, Win; VRAKKING, Bem. *Homo Zappiens*. Porto Alegre: Artmed, 2009.